

PENSANDO LEV S. VYGOTSKY NO CAMPO DA TERAPIA FAMILIAR SISTÊMICA

MATHILDE MACHADO (TUTTI)

*Instituto Noos,
São Paulo/SP, Brasil*

Aceitei o convite para escrever para a seção Ecos, antes mesmo de ler o artigo, pois sabia que a autora, Lena Bartamn Marko, me poria em contato com as minhas raízes e meus pressupostos de educadora que sou. Vygotsky fez parte da minha história nos tempos de escola; inspirada em seus estudos e trabalhando como orientadora educacional, propus a elaboração de projetos pedagógicos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Como terapeuta familiar, sigo refletindo e aprendendo com Vygotsky, “somos as vozes que habitaram dentro de nós” (Andersen, 1991, p. 192).

Ao ler o artigo, Pensando Lev S. Vygotsky no campo da terapia familiar sistêmica, publicado na revista Nova Perspectiva Sistêmica nº 72 (abril de 2022), mergulhei em histórias de afeto e relações sociais das mais significativas e nostálgicas, o que me fez perceber e lembrar o efeito e a potência do que exatamente Vygotsky pesquisou: como as relações sociais impactam o desenvolvimento humano.

A autora inicia o texto apresentando aspectos do pensamento complexo desse teórico, psicólogo e educador russo, destacando o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e uma generosa reflexão sobre as relações entre o desenvolvimento e a aprendizagem. Tanto as teorias sistêmicas de terapia familiar quanto o pensamento de Vygotsky convergem para a “importância dos contextos, social, econômico, histórico e cultural na constituição tanto da evolução humana quanto de cada indivíduo e sociedade”, conforme apresenta Marko (2022, p.55). A autora acrescenta também, com muita didática, a ideia de que é na interação com o Outro que aprendemos e desenvolvemos a capacidade de transformar, apontando a interdependência e a interatividade no desenvolvimento dos indivíduos, da família e da sociedade.

Para completar o meu deleite, o artigo reflete sobre a importância dos processos de imaginação e pensamento com a afetividade. Pronto! Logo pensei em como minha trajetória de educadora de crianças me levou para os caminhos de terapeuta familiar com crianças. Que delícia passear pelos queridos Paulo Freire e Madalena Freire, lembrar Lino de Macedo e Ives de La Taille, conversar com Maturana, Manoel de Barros, Amós Oz, ah... que viagem gostosa de se fazer pelo tempo, pelas narrativas, memórias e afetos que cada um deles me proporcionou.

Começo por Madalena Freire, nos idos de 2001 ou 2002, quando fui sua aluna no então Espaço Pedagógico, onde resgatei minha autonomia e interdependência na construção de conceitos e práticas desafiadoras. A importância de que precisamos reconhecer o Outro em nossa aprendizagem individual e coletiva era tema de muitas reflexões. Na convivência e no aprendizado, o diálogo entre as pessoas implicava num corpo-a-corpo permanente com a vida dos outros e a nossa própria vida, exigindo um esforço diário de partilha e reflexão. Até aqui, vocês percebem as conexões com o pensamento sistêmico, a terapia narrativa e o dialogismo? Poderia citar agora Maturana, White e tantos outros que estão “chovendo em meu pensamento”, para não esquecer Manoel de Barros.

Tentando escrever e descrever as possíveis e inúmeras conexões que a vida me apresenta, penso nas diferentes experiências, em novas emoções, velhos temores, palavras com novos significados, dificuldades e desconfortos, e a busca incessante por um cenário mais amplo e generoso, para observar e ser observada, no jeito de ser e estar neste mundo. Olhar com outros olhos, mergulhar nas experiências, descobrir identidades e diferenças, assumir riscos e fazer escolhas me levaram para um outro lugar de escuta e de entendimento. Passei a compreender melhor o que eu era capaz de realizar sozinha e o quanto eu poderia alcançar com a ajuda dos outros em um trabalho conjunto, com uma postura colaborativa e dialógica. Assim como a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) determina o que está em fase de amadurecimento, ainda como um embrião, estava eu ali, no início de um processo para me tornar uma terapeuta sistêmica.

Como terapeuta e educadora, sempre procurei espaços de diálogo e reflexão sobre as histórias de família, seus legados e suas crenças. Enquanto escuto uma pessoa, logo vou me perguntando: como foi que ela se construiu na vida? Quem foi essa criança que está me contando essa história? Quais são as suas referências, os seus modelos? Acredito que as experiências de vida e o que extraímos delas vêm a ser a nossa matriz de aprendizagem, nossa maneira de enfrentar e de encaminhar nossos desafios e emoções, e se tornam nossa ferramenta de trabalho. E assim fui avançando, me identificando mais e mais com Tom Andersen em seu trabalho com equipes reflexivas destacando as múltiplas vozes e me concentrando numa escuta amorosa, sem prejulgamentos, valorizando cada modo de pensar e legitimando outras possíveis versões de histórias familiares. Neste momento, pude ressignificar tantas narrativas de minha infância que gostaria de compartilhar parte delas descritas em trabalhos e reflexões anteriores:

Desde criança cultivava amigas e especialmente primas; lembro-me de incansáveis dias brincando de casinha no pomar. Desenhávamos no chão — varrendo as folhas das jabuticabeiras, mangueiras e caramboleiras — a planta da nossa casa: cozinha, sala e quartos. Decidíamos quem seria a mamãe, papai, filhinhos, vovó... E eu? A empregada! Entre irmãs e primas, eu sempre era a do meio, não era caçula nem primogênita portanto, nunca conseguiria ser a mamãe nem a filhinha. Só me sobrava ser a empregada. Arrumava a casa, varria, decorava com vasinho de flores, tarefas essas que eu exercia, e exerço até hoje, com maestria. Com certeza, seguia o modelo de minha mãe e avós. Contudo, o mais curioso é que, não sendo uma pessoa da família nessa brincadeira, eu ficava de observadora das relações dessa família recriada no pomar. As ressonâncias dessa época dizem muito de mim; revelam uma construção de identidade e um ponto de observação que considero até hoje quando converso com grupos: a identidade é um presente do outro; eu só sou alguém, se alguém reconhecer que eu sou. E assim, penso que descobri o prazer de estar junto no cuidado com o outro. Gosto de estar em grupo, de atender família, de pensar juntos, de fazer junto, de viver em interação, em linguagem, em emoção. (Machado, 2013)

Lena destaca em seu artigo a perspectiva da psicologia sócio-histórica referindo-se ao conjunto de relações sociais internalizadas que nos levam a constituir um mundo interno.

Para além dessas memórias, percebo que a leitura do artigo, Pensando Vygotsky no Campo da Terapia Familiar Sistêmica, me levou às minhas origens, do meu tempo de criança até os anos de formação e estudos em Educação e Terapia Sistêmica. Cresci em uma família extensa, formada por avós, tios e muitos primos; filha de professora e pai neuropsiquiatra, parece que escolhi o caminho de muitas dessas interações, tudo junto e misturado. Um conjunto de histórias contadas sobre nós, narrativas semelhantes com significados tão diferentes ampliam nossa visão e geram perguntas que nos fazem pensar. Pensar que não há respostas únicas, nem certezas para contar.

Certa vez, em uma sessão online, um adolescente de 16 anos com dificuldades de se concentrar batalhava com seus pais para voltar às aulas presenciais, na época de Covid-19, então perguntei-lhe: o que você precisa para se manter focado? O que te ajuda? Ele respondeu: “fico exausto quando acaba a aula, preciso de pressão externa, de gente me olhando, gasto muita energia para me concentrar na tela do computador”. Seguindo nessa conversa, pude verificar o que Vygotsky e White observam sobre a zona de desenvolvimento independente e o que é possível conhecer e alcançar trabalhando e convivendo com outras pessoas. Fomos desenvolvendo passos e conceitos que permitiram que este jovem organizasse melhor sua vida estudantil e seus argumentos com seus pais.

Finalmente, deixo aqui meu convite para a leitura deste artigo que certamente despertará em você o desejo de ampliar seus conhecimentos e suas conversações terapêuticas.

REFERÊNCIAS

- Andersen, T.** (2002). *Processos Reflexivos* (2ªed.). Rio de Janeiro: Instituto Noos.
- Machado, M.** (2013). *Conversas em Família – “Escuchar, reconocer y seguir adelante!”*. São Paulo: CEOAF.
- Marko, L. B.** (2022). Pensando Lev S. Vygotsky no campo da terapia familiar sistêmica. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 30(72).

MATHILDE MACHADO (TUTTI)

Educadora, Terapeuta de Casal e Família, integra a Equipe de Coordenação da Clínica Social e é Facilitadora do módulo de formação de origem do terapeuta – FOT – do Curso de Introdução às Práticas Dialógicas e à Abordagem do Diálogo Aberto do Instituto NOOS.

<https://orcid.org/0000-0002-0056-3175>

E-mail: mathilde.mm72@gmail.com